

RECENSÃO

STEGEMANN, Ekkehard W., & STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo – Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. Trad. de Nélio Schneider. Editoras Paulus – Sinodal, São Paulo – São Leopoldo 2004, 155 x 220 mm, 596 p.

Dois lançamentos simultâneos trouxeram novo alento ao debate sobre as origens do Cristianismo e sua posterior disseminação pelas grandes cidades do império greco-romano. As Edições Paulinas lançam o trabalho de J. D. Crossan intitulado *O nascimento do Cristianismo – O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. (Paulinas – São Paulo, 2004). Esta obra dialoga e interpela o trabalho dos irmãos Stegemann, cuja contribuição vamos conhecer mais de perto agora.

Este volumoso trabalho não se constitui de um único tomo dividido em quatro partes, tal como se apresenta no índice. Melhor dizendo, são quatro livros independentes, relacionados entre si pelo tema abordado, reunidos numa única obra. O fio condutor dos quatro livros é o objetivo de dar uma visão panorâmica da história social do cristianismo primitivo. Cada uma destas partes pode ser lida separadamente ou mesmo fora da ordem estabelecida pelos autores. Cada parte pode ser trabalhada independentemente das outras, conforme sugestão dos próprios autores nas Indicações para a leitura do livro. Estas partes são:

Parte 1. Economia e sociedade no mundo mediterrâneo no século I.

Parte 2. História social do judaísmo na terra de Israel e o seguimento de Jesus.

Parte 3. História social das comunidades crentes em Cristo em cidades do Império Romano.

Parte 4. Papéis sociais e situação social da mulher no mundo mediterrâneo e no protocristianismo.

O livro se completa com as notas e abundante bibliografia.

Cada parte desta abrange temas bastante vastos. As Partes 2 e 3 receberam maior atenção. Evidentemente, dentro de uma proposta de “protocristianismo”, a Parte 2 recebeu maior atenção. Pensar e escrever a história social do judaísmo na terra de Israel, para então identificar o surgimento das comunidades cristãs, exigiu uma série de análises sócio-históricas a partir de ampla literatura sapiencial e apocalíptica.

Já na pequena Introdução feita pelos autores nos deparamos com os dois problemas básicos que vão definir toda a obra e que destaco aqui como crítica. Em primeiro lugar o conceito de “protocristianismo”. Embora os autores digam que este conceito foi mantido no livro por razões “pragmáticas”, ele abrange na verdade todas as três gerações de cristãos que podemos identificar na literatura neotestamentária. Seria de se perguntar sobre o que há de comum entre um cristão destinatário da Primeira Coríntios e um cristão destinatário da Primeira Timóteo, se os englobamos no conceito de “protocristãos”. Em segundo lugar, a padronização de costumes e tradições de um espaço

geográfico bastante complexo chamado vagamente de “mundo mediterrâneo”. Aliás, este mesmo problema se apresenta de forma muito mais aguda na obra de Crossan. Creio ser uma visão muito “nortista”, em termos europeus, de padronizar costumes e comportamentos dos “sulistas” mediterrâneos. Seria interessante questionar sobre o que há de comum entre os costumes e comportamentos de uma aldeia rural da Espanha com os costumes e comportamentos de uma aldeia da Turquia, tanto hoje quanto no primeiro século da Era Cristã. Feitas estas duas ressalvas, vamos fazer uma apresentação geral das quatro partes para então tecer alguns comentários.

A Parte 1 traz uma boa visão da economia greco-romana, predominantemente urbana com controle total das áreas rurais, transformadas em latifúndios com mão-de-obra escrava. O tipo de sociedade nesta época, que os autores definem como “agrárias avançadas”, mostra com clareza o conflito campo-cidade expresso no domínio que a cidade exerce sobre o campo. Esta parte, com uma riqueza de dados econômicos, conclui com a estratificação social onde a renda estava concentrada numa elite aristocrática que não passava de 1% da população. É pena que os autores, quando analisam o mundo mediterrâneo, nada falam do conflito básico que dilacerou este mundo entre dois modelos econômicos antagônicos que se desenvolveram no Mediterrâneo a partir do século IV aC. O modelo “semita”, fruto da colonização fenícia cujo centro era a cidade de Cartago, no norte da África, e o modelo “helênico”, cujas colônias gregas foram ocupando o litoral europeu. As Guerras Púnicas decidiram a questão e o modo escravista greco-romano se impôs nas áreas semitas. As dificuldades dos romanos em dominar a Palestina mostram que a imposição do sistema greco-romano em áreas semita não foi nada fácil

A parte 2, bem mais desenvolvida, apresenta a história da Judéia e das regiões vizinhas a partir da chegada dos macedônios (século IV aC). Buscar as origens das comunidades cristãs é analisar as condições sócio-históricas do judaísmo na Palestina durante a ocupação greco-romana, bem como as atividades de resistência das aldeias camponesas ao excesso de tributação tanto por parte do império quanto por parte do sistema religioso centrado no Templo. O conflito entre o modelo tributário e o modelo escravista fica bem delineado.

Os autores aplicam os dados recolhidos na Parte 1 na formação histórica da Palestina do século I da Era Cristã. O objetivo é bastante claro: só podemos entender o surgimento de comunidades congregando pessoas que entram no seguimento de Jesus tendo claro os conflitos sociais e religiosos que dilaceravam a sociedade judaica nesta época. O quadro dos movimentos políticos e religiosos desta época é bem completo, deixando claros os vários movimentos e seus objetivos nem sempre tão religiosos.

O capítulo 4 desta Parte 2 é importante. Apresenta as várias fases do “seguimento” de Jesus na terra de Israel, desde a Galiléia até a “protocomunidade” de Jerusalém. Fica evidente, nesta fase inicial, a importância das mulheres, bem como grupos específicos, como os pescadores do Mar da Galiléia. Tudo bem analisado a partir dos modernos conceitos da sociologia da religião. A trajetória destas comunidades vai ser profundamente alterada, como tudo na Palestina, pela tragédia dos anos 66 – 70 dC.

Surgem então as comunidades messiânicas que romperão com o judaísmo em processo de reconstrução.

A parte 3 mostra o processo de expansão destas comunidades num cenário totalmente diverso. Temos então a travessia feita pelos judeus helenistas convertidos, cuja figura paradigmática é o apóstolo Paulo. Esta travessia fez com que as comunidades rurais da Palestina se transformassem em comunidades urbanas nas periferias das grandes cidades do império greco-romano. Uma travessia que pagou um alto preço no processo de inculturação da mensagem de Jesus. Os autores definem esta travessia chamando atenção para as transformações das comunidades messiânicas da Palestina para “comunidades crentes em Cristo” nas cidades do império. Estas comunidades assumem o termo *ekklesia* no seu processo de autodesignação num ambiente urbano bastante hostil. O ambiente doméstico e a estratificação social destas comunidades também está bem trabalhado, superando positivamente alguns pontos deixados pelos trabalhos de Meeks. Os conflitos sofridos pelas comunidades, seja com judeus, seja com pagãos, é abordado na perspectiva da *discriminação* por parte da população e da *incriminação* por parte de império. Tais atitudes são próprias de ambientes urbanos com estratificação social concentrada e excludente.

A Parte 4 está totalmente voltada para o papel das mulheres, tanto no mundo mediterrâneo quanto nas comunidades cristãs. Novamente “mundo mediterrâneo” fica restrito às cidades greco-romanas e a região rural da Palestina. Por isso mesmo, a participação das mulheres é analisada a partir das comunidades rurais palestinas e depois nas *ekklesias* urbanas.

Os autores traçam um quadro amplo e detalhado de uma época turbulenta. Os dados reunidos nesta obra nos ajudam muito na interpretação dos textos neotestamentários. Mergulhamos numa época em que surgem comunidades agregando pessoas que aceitam Jesus de Nazaré, primeiramente como Messias, posteriormente como “um deus”, no dizer da carta-relatório de Plínio a Trajano. Buscar entender toda esta transformação bem como a situação social destas pessoas é uma tarefa imprescindível para nossas comunidades e pastorais hoje, aqui em nosso país. Percebemos o surgimento de inúmeras comunidades carismáticas nas periferias das cidades brasileiras. Também vivemos uma estratificação social que demonstra toda a concentração de renda e a exclusão social. O livro dos irmãos Stegemann nos ajuda muito. É um livro de consulta, de fácil leitura e com uma tradução muito boa. É um importante instrumento de trabalho para o estudo da Escritura.

Francisco Orofino